

Discurso no recebimento da Medalha Boticário Ferreira outorgada pela Câmara Municipal de Fortaleza

JOSÉ AUGUSTO BEZERRA *

Distintas personalidades que compõem a Mesa Diretora dos Trabalhos, as quais saúdo, na pessoa do Excelentíssimo Sr. Vereador José do Carmo, que nesta hora representa, simbolicamente, o próprio Boticário Ferreira, pois foi ele, que no cargo de Presidente da Câmara de Fortaleza, que ao redor de 1842 criou a Praça do Ferreira, inicialmente com outro nome. Construiu depois o primeiro Hospital Público, modernizou o traçado das ruas da cidade e fez tantas melhorias, que tornou-se um dos maiores vultos da nossa história.

Ilustres participantes que engalanam este recinto. O passado demonstra que o Ceará é uma terra vocacionada para a cultura, e a participação de inúmeras lideranças nessa solenidade traduz o nosso carinho pelo tema.

Poucas vezes em nossa terra, um simples evento cultural consegue reunir tantas presenças expressivas. Gostaríamos de relevar algumas, começando pela British Library, talvez a mais completa biblioteca do mundo, representada pelo seu Curador, Dr. Aquiles Alencar Brayner; a Dra. Ingrid Schwanborn, escritora e historiadora Alemã, e o escritor e dramaturgo Português, Hélder Mateus Pereira da Costa, que representam a comunidade internacional; A Academia Cearense de Letras, representada por seu vice-Presidente, o poeta Barros Pinho e por Murilo Martins, ex-Presidente da Entidade; o Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico, representado por seu vice-Presidente, o historiador Pedro Sisnando Leite e pelo Presidente, que vos fala; a Academia Fortalezense de Letras, representada por seu Presidente, João Soares

* Sócio efetivo e atual presidente do Instituto do Ceará.

Neto; a Academia Cearense da Língua Portuguesa, representada por seu Presidente, Ítalo Gurgel; a Academia Maçônica de Letras, representada por seu presidente, General Torres de Melo; a Associação Brasileira de Bibliófilos, representada por sua Diretora Geral, Regina Pamplona Fiúza; a Academia Cearense de Retórica, representada pelo Desembargador Fernando Ximenes; a Sociedade Amigas do Livro, representada por sua Presidenta, Cybele Pontes; a Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil representada por sua Presidente de Honra, Giselda Medeiros; o Instituto Eduardo Campos, representado por seu Presidente Eduardo Augusto Campos; a 10ª Região Militar, representada pelo General Júlio Limaverde; o Rotary Internacional, representado por seu Diretor, José Antonio Figueiredo Antiório, e pelo Colégio de Governadores, simbolizado por seu decano, Meton Cesar de Vasconcelos; a Grande Loja do Ceará, representada pelos membros do Alto Corpo, cujo decano aqui presente é o ex-Deputado Osmar Maia Diógenes; a Academia de Letras e Artes do Nordeste, representada por seu Presidente, poeta Jose Teles; a Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza, representada por seu presidente, Anísio de Araújo e a Agência da Boa Notícia, representada pelo seu Presidente, Francisco Souto Paulino.

Destacamos as presenças de Autoridades, entre estas, a do Secretário de Cultura, Professor Auto Filho; a do ex-governador do Estado, Dr. Lúcio Alcântara e da nossa imprensa, representada pelos incansáveis Lustosa da Costa e Leda Maria.

Empresários, professores, escritores, importantes lideranças, familiares e amigos queridos, incluindo os que me mandaram mensagens escritas: deixo de mencioná-los, individualmente, por orientação protocolar, de tempo, mas saúdo-os, coletivamente, num grande e fraternal amplexo, e afirmo que, sem um só de vocês, esse evento seria incompleto.

Excelentíssimos senhores vereadores, que me outorgam a honraria maior do município, através da medalha Boticário Ferreira. Sei que assim o fazem para dar estímulo ao nosso trabalho. Sei, também, que muitos outros mereceriam, com toda a justiça e talvez com maiores méritos, a mencionada láurea no campo cultural.

Recebo-a, entretanto, com humildade e alegria. Pelo nome do patrono e por méritos numa área que tenho procurado servir desde criança, quando fui orador do curso primário e quando iniciei, a partir dos onze anos, a formação de uma biblioteca.

De modo especial, agradeço ao vereador Paulo Facó, o vereador da cultura, homem público cuja herança genética conecta-o a uma família de pessoas eruditas e generosas. Teve a ousadia de propor essa comenda para uma área meio esquecida em nosso país - a Cultura, e teve a confiança de indicar alguém que conheceu pelo convívio, em trabalhos ligados à instrução e ao saber. Naqueles diálogos, cheios de boa vontade, conheci melhor a personalidade desse homem, discreto e sereno, cuja sensibilidade e obstinação leva-o a atingir, sempre, os objetivos a que se propõe.

Vereador Paulo Facó, sua atuação tem honrado esta casa. Seja pelo idealismo e honorabilidade que lhe são inerentes, seja pelo exemplo de homem público, empenhado em causas nobres e objetivos a longo prazo. Você está plantando sementes cujos frutos, em muitos casos, talvez nunca venha a ver, mas, tal qual as sementes que plantou o Boticário Ferreira, na vida do povo, darão frutos para sempre. Saúdo, portanto, os membros titulares desta casa, com respeito e gratidão, e prometo que darei o melhor de mim mesmo, no sentido de corresponder-lhes à confiança.

Lembro-me, agora, ao saudar os meus familiares, do poeta Manuel Bandeira, que escreveu os livros *Estrela da Manhã*, *Estrela da Tarde* e *Estrela da Vida inteira*.

Os meus pais Américo e Joviana, e o meu irmão José Abnéas Bezerra, foram as únicas testemunhas daquele distante dia em que nasci e tornaram-se a minha estrela da manhã. Os meus filhos Monica, Margareth, Augusto Filho e Américo, o meu genro Rodney, as minhas noras Luciana e Lívia, os netos Rebeca, Raissa, Saulo, Júlia e os demais familiares que aqui estão, são parte da minha luta de juventude e fase adulta, e posso vê-los como a estrela da tarde da minha vida. À minha esposa Bernadete, que me acompanha desde quase menino, pois nos casamos aos dezoito anos, meu pensamento de amor e gratidão a quem se transformou na estrela da minha vida inteira. Agradeço-lhes, queridos, pela luz e pelo calor que me têm dado, durante a jornada.

Senhoras e senhores, as medalhas foram criadas pelos gregos no sentido de immortalizar os seus maiores, daí ainda hoje termos exemplos delas com mais de mil anos, em perfeito estado de conservação. Infelizes dos povos, imaginavam eles, que não cultuavam seus benfeitores e heróis, os que lutaram por sua gente, no terreno das idéias ou nos campos de batalha.

As medalhas possuem, emblematicamente, uma mensagem e significam que deve haver sintonia entre patrono e recebedor. Algo espi-

ritual, a registrar que o segundo admira a maneira de ser ou de ter sido, do primeiro, e por isso coloca seu nome ou imagem sobre o peito.

A consciência de quem recebe e a responsabilidade de quem outorga, para não se cometerem equívocos de natureza ética, homenageado-se pessoas cujas idéias nada tem a ver com a honraria.

No caso presente, perpetuar-se-ão os ideais de Antonio Rodrigues Ferreira - o Boticário Ferreira - através do imaginário evocado pela entrega de cada uma dessas medalhas.

Nesse momento, portanto, fazem-se necessárias algumas reflexões sobre o ambiente, a época e a vida daquele homem.

Fortaleza tinha menos de 20.000 habitantes. O tempo parecia andar devagar, como em toda cidade pequena. Tranquila, bucólica, romântica. Pouco movimento de dia, cadeiras nas calçadas, à noite.

A Praça do Ferreira chamava-se Praça D. Pedro II. Era um areial com castanholeiras, onde existiam marcos de pedra para amarrar os jumentos de carga dos ambulantes. Havia, também, um cajueiro chamado cajueiro botador. Dizem que tinha esse nome porque produzia frutos vermelhos, gostosos, que podiam ser colhidos com as mãos, o ano inteiro.

Através dos anos, começou a se formar um grupo de potoqueiros à sombra daquela árvore e criaram-se concursos para eleger o maior mentiroso e então o cajueiro passou a chamar-se o cajueiro da mentira.

A Praça do Ferreira passou a ser assim chamada apenas em 1871, onze anos após a morte do Boticário. Vieram então os cafés Java, do Comércio, Elegante e Iracema, situados nos quatro cantos da praça; um jardim central e os bancos para assentos, locais de encontro da população. Chegaram as repartições públicas e os terminais dos bondes puxados a burro. O próprio Palácio do Governo ficou ao seu lado e por aqueles recantos pitorescos, cheios de prosa, reuniam-se pessoas comuns e intelectuais, como Antonio Sales, José Carlos Junior, Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Antonio Bezerra, entre outros membros da Padaria Espiritual. Dizem que Quintino da Cunha, seu frequentador assíduo, criou ali algumas das suas mais famosas quadras irônicas. O cajueiro da mentira foi derrubado para construção de um coreto, na administração do Prefeito Godofredo Maciel.

Grandes acontecimentos históricos, com seus dramas e comédias, também por lá tomaram vida e, embora uma após outra, reformas tenham-lhe transformado o corpo, não lhe modificaram a alma...

Ainda hoje, oradores, cantadores, camelôs, orquestras, a coluna da hora, os pipoqueiros, jardins, bancos, quiosques e a fonte dos desejos, parecem nos falar de uma pequena cidade que se tornou grande, mas que num cantinho, quase sagrado, guardou a brejeirice e os encantos da menina-moça.

Devemos entender, ainda, senhoras e senhores, que em uma medalha como esta se oculta um mundo.

É um emblema de metal que nos lembra o passado, porquanto, na época do Boticário, isso aqui era cheio de sítios, fazendas e fazendolas. Através dele podemos ver a coragem do jangadeiro e a paciência das rendeiras; o cultivo do agricultor e o aboio do vaqueiro; a religiosidade do Padre Cícero e a Poesia do Patativa; o reboco de uma casinha e a o choro de uma sanfona; o duelo dos repentistas e a viola dos cantadores; a literatura de cordel e o romance de Alencar; a saga dos coronéis e as histórias dos cangaceiros; as secas que matam e as rezadeiras que salvam; as andanças pelas caatingas e os banhos nos açudes; as assombrações de almas e os comícios em cima de caminhões; os relatos sobre botijas e as encomendas de pistoleiros; o balançar da rede e o cantar do galo; os advinhadores de chuva, as quadrilhas de São João, o queijo assado, a carne de sol e a rapadura; o emigrante que sai e o turista que chega. Coisas que teimam em sobreviver, a maioria nos subúrbios ou nos sertões.

É um emblema de metal que nos cobra o presente, principalmente dos governantes, pois lembra o trabalho que faria o Boticário, se vivesse nos dias de hoje. Cuidaria da falta de empregos e dos problemas das drogas; da poluição e da falta de tetos; da ganância por bens materiais e da perda dos valores familiares; do trânsito difícil e dos assuntos de segurança; da solidão do computador e da fome dos humildes; da corrupção crescente e da impunidade reinante; das doenças contagiosas e das modificações climáticas; da expansão da pedofilia e da prostituição infantil; da deterioração do ensino público, da decadência da ética, da falta de assistência médica e do aumento das favelas, entre outras dificuldades.

É um emblema de metal que nos remete ao futuro, mostrando que em todas as épocas existiram desafios, transpostos ou minorados pelo trabalho. Barreiras estas mais rapidamente superadas quando a consciência coletiva não esperou somente pelos dirigentes. Ensina-nos ainda que o metal para tomar a forma de medalha teve que ir ao fogo e também nós, se quisermos fazer as coisas, devemos aceitar os sacrifícios da jornada.

Para mim, pessoalmente, vejo como uma dádiva a oportunidade de trabalhar duro por coisas que valem a pena.

E ao despedirmo-nos, imaginariamente, desse pequeno universo que viemos explorando, a medalha ainda parece nos dizer, na última mensagem, que muitas coisas continuam maravilhosas, tais como o Boticário Ferreira as conheceu: O céu equatorial, estrelado; os frutos do mar, saborosos; o povo, generoso; as frutas tropicais, incomparáveis e as flores, primorosas.

Temos a brisa leve que afaga o rosto e a areia branca que acaricia os pés; nosso sol ainda é feito de ouro, nosso mar de esmeraldas, e nossa alma, de coragem. E por tudo isso e muito mais, damos graças a Deus!